

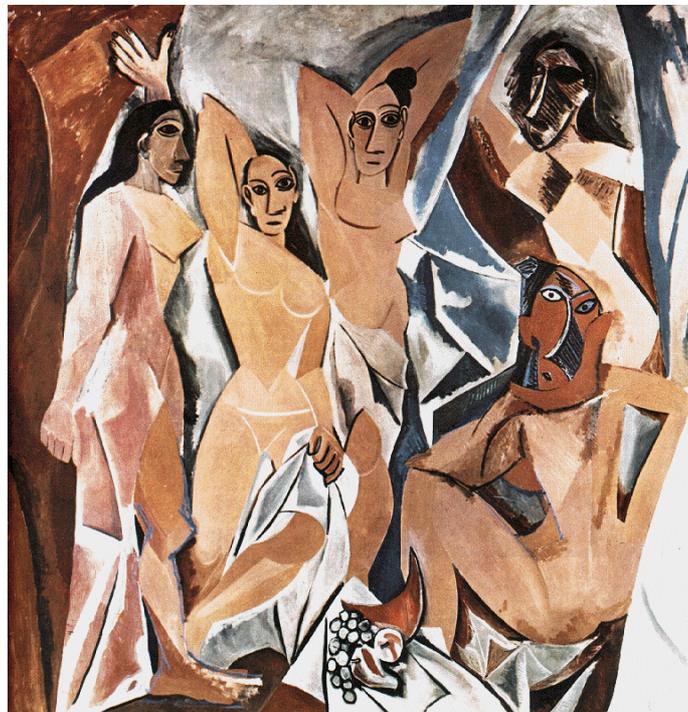


Colégio Pedro II

Departamento de Desenho e Artes Visuais / **DAV**

APOSTILA PARA O 9º ANO DO E.F.

ARTE MODERNA



Depto. De Desenho e Artes Visuais
Chefia: Profa. Ana Céli

apresenta

Arte Moderna
Apostila de Artes Visuais para o 9^o ano do E.F.

Material didático elaborado pelos professores de Artes Visuais do Departamento de Desenho e Artes Visuais do Colégio Pedro II e desenvolvido dentro do projeto de Dedicção Exclusiva intitulado “Elaboração de Material Pedagógico”

Org. Professora Greice Cohn

Capa: Professora Ana Beatriz Dutra de Medeiros

Ano: 2005

Nova edição: 2009

SUMÁRIO

1ª PARTE

TRADIÇÃO E RUPTURA NA ARTE OCIDENTAL - A PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX	p. 4
Conceitos estéticos: o Belo na tradição e na ruptura	p. 4
A estética clássica	p.4
A nova estética	p. 6
Academicismo versus Modernismo	p. 8
A ruptura modernista com a arte acadêmica	p. 9

2ª PARTE

COR, LUZ PERCEPÇÃO E CIÊNCIA	p. 10
A experiência da Pós imagem	p. 11
Impressionismo	p. 13
Pontilhismo	p. 17
Pré-modernos	p. 19
Outros grandes artistas Pré-modernos	p. 24
A fotografia	p. 25

3ª PARTE:

A ARTE MODERNA: Contextualização histórica	p.28
Características gerais da Arte moderna	p. 31
A construção, a desconstrução e a reconstrução da forma	p. 31
Principais Movimentos Artísticos Modernos - Século XX	p. 34
CUBISMO	p. 34
EXPRESSIONISMO	p. 37
ABSTRACIONISMO	p. 39
ABSTRACIONISMO INFORMAL E GEOMÉTRICO	p. 40
SURREALISMO	p. 42
DADAÍSMO	p. 44
PRINCIPAIS TÓPICOS	p. 45

4ª PARTE:

O Modernismo no Brasil	p. 47
Modernidade e Identidade Nacional	p. 47
Os/As Artistas Modernos/as Brasileiros	p. 49
Referências Bibliográficas	p. 52
Roteiro para leitura de obra de arte	p.53

1ª PARTE:

Tradição e Ruptura na Arte Ocidental: A Passagem do Século XIX ao Século XX

O final do século XIX foi um marco na história da arte da Europa. Uma época de rompimento com a tradição clássica que já durava cinco séculos, representada pela arte acadêmica de forte inspiração neoclássica, que fez com que surgisse a Arte Moderna. Esta tem uma diversidade de movimentos, os ismos, que apresentam como característica comum o repúdio à representação naturalista clássica e seu ideal de beleza universal.

Neste processo turbulento deve-se destacar os impressionistas e os pós-impressionistas (ou pré-modernos) que, antes dos modernistas, iniciaram a rejeição às idéias pregadas pelas academias, não se interessando mais em produzir uma arte de inspiração renascentista com cenas rígidas, frias e estáticas sobre os temas dos grandes mitos greco-romanos, religiosos e das batalhas napoleônicas, uma arte de caráter imitativo ou mimético.

Conceitos estéticos: o Belo na tradição e na ruptura

O termo *estética* define um campo de estudo da filosofia e da ciência que, baseada em critérios visuais, morais e sociais, tem por objetivo estudar as condições e os efeitos da criação artística.

A estética clássica

Em sua origem na Grécia, o termo está ligado à sensação, mas na segunda metade do século XVIII, um estudioso denominou de estética a área da filosofia que se propunha a estudar o Belo e a arte. Por isso, muitas vezes a palavra estética é compreendida como sinônimo de beleza, com o sentimento do belo que sentimos por alguém ou por alguma coisa.

Até o século XIX o significado de *estética* estava relacionado a idéias como: harmonia, equilíbrio, proporção, clareza e a justa medida, que independe do gosto subjetivo para a sua existência.

Foi esse padrão de beleza clássico que determinou por muito tempo a produção artística no mundo ocidental. As Belas-Artes estão submetidas a este modelo de beleza, são objetos providos dessa espécie de belo, capazes de levar os homens ao sentimento superior do belo que os elevava da existência ordinária ligada a vida comum - até ser contestada no final do século XIX.

Belas-Artes é hoje um termo pouco usado, pois foi muito contestado pelos artistas modernos e pós-modernos. É um termo aplicado as artes ditas “superiores”, não utilitárias. No uso comum, o termo aplica-se a arquitetura, a escultura, a pintura, a dança, a música, e a poesia. Com o tempo, o cinema passou a integrar esta lista como a “sétima arte”. Muitos estudiosos continuaram esta relação considerando a televisão como a “oitava arte”, a Histórias em Quadrinhos como a nona etc.

Em 1987, o antropometrista americano Leslie Farkas mediu as proporções faciais das modelos mais belas do planeta e concluiu que os cânones clássicos de beleza pouco têm a ver com a realidade. Várias das medidas se mostraram irrelevantes, como os ângulos relativos da orelha e do nariz. Outras eram inexatas – a distância entre os olhos das modelos era maior do que a sugerida pelo cânone. Ou serviam igualmente para as bonitas e as feias (Fonte: Revista Superinteressante).

A nova estética

Esses conceitos, retomados pelos mestres do Renascimento no século XV, produziram obras-primas que até hoje encantam o mundo, mas caíram em desuso nas vanguardas artísticas do século XX. O Impressionismo, no século XIX, iniciou o rompimento com as amarras de cinco séculos que vinculavam a arte a padrões rígidos de beleza e de *mímesis*, construindo um novo olhar sobre o mundo.

Ao romperem com a arte tradicional, os artistas que vieram após o Impressionismo (muitos deles interessados na arte produzida por povos não europeus, como os africanos), puseram em questionamento a idéia única de beleza existente nas artes e no gosto do público. Passou-se a se questionar se todos os objetos artísticos, produzidos pelo conjunto das culturas humanas através da história, podem corresponder a normas universais de beleza.

E desde então se tornou difícil definir uma beleza pura que possa ser válida para todas as culturas e todas as épocas. A arte a partir daí foi perdendo o vínculo que tinha com o sentimento do belo e aproximando-se mais de procedimentos lúdicos, criativos e imaginativos. A idéia de beleza tornou-se algo relativo. Pois, segundo o estudioso da arte Gombrich *“O problema é que gostos e padrões de beleza variam muitíssimo.”*

Um outro pensamento deste importante historiador da arte vale a pena ser observado:

“os principiantes [...] querem admirar a perícia do artista em representar as coisas tal como eles a vêem. Gostam mais de pinturas que ‘parecem reais’. [...] A paciência e a habilidade que contribuem para a reprodução fiel do mundo visível são, por certo, dignas de admiração. [...] Mas o que aborrece as pessoas que gostam de quadros parecendo ‘reais’ é o fato de considerarem certas obras incorretamente desenhadas, sobretudo quando pertencem a um período mais moderno em que o artista ‘tem obrigação de não cometer semelhantes desvios’. De fato, não há mistério nenhum a respeito dessas distorções da natureza, sobre as quais ainda ouvimos queixas e protestos envolvendo a arte moderna. Quem lê histórias em quadrinhos sabe tudo em relação a isso. Sabe que, às vezes, é certo

desenhar coisas de um modo diferente do que elas se apresentam aos nossos olhos, modificá-las ou distorcê-las num ou noutro sentido. [...] Se um artista moderno 'desenha' alguma coisa à sua maneira, está sujeito que o considerem incapaz de fazer coisa melhor. A questão é que estamos armados de preconceitos em relação ao que deva ser 'Arte' [...]. “

Gombrich, E. H. “A História da Arte”

Observe estes dois retratos e tente perceber as diferenças entre as abordagens

acadêmica

e

moderna



Retrato de Baltasar Catiglione, Rafael Sanzio
Séc. XV



Auto-retrato, Pablo Picasso



A escola de atenas, Rafael Sanzio, séc. XV

Academicismo versus Modernismo

Conhecemos por **arte acadêmica**, **academicista** ou **academicismo** a arte ensinada nas escolas de arte conhecidas como **academias**. As academias eram escolas fechadas nas quais os alunos aprendiam as técnicas de representação, sobretudo de seus aspectos táteis, retratando temas predeterminados, num ensino baseado na observação e na cópia. Essas escolas ministravam aulas de geometria e anatomia, assim como de desenho de observação de modelos ou de gravuras, e exigiam dos seus alunos o máximo de perícia técnica na execução, para que fosse possível se fazer a **grande arte**.

Esta era uma arte baseada no grande conhecimento científico desenvolvido pelo Renascimento (técnicas “científicas” aplicadas à arte para a reprodução fidedigna de imagens do mundo visível) e que era capaz de criar grande poder de

ilusão às imagens artísticas, conforme comprova as obras dos grandes mestres do passado.

A primeira academia de arte propriamente dita foi criada aproximadamente em 1563, em Florença, na Itália, e chamou-se *Accademia del Disegno*. Sua importância foi emancipar os artesãos das guildas medievais, elevando-os a um novo status social que os alçou à categoria de artistas. Nos anos seguintes várias academias surgiram nas principais cidades da Europa ensinando o “Ideal Clássico de Beleza”.

Em 1816, foi criada em Paris, na França, a *Académie des Beaux-Arts*. Esta foi a maior dentre as escolas oficiais de arte da França. A escola, surgida sob a égide do neoclassicismo (neo=novo), com seus prêmios e encomendas estatais, controlava o caminho que poderia levar os artistas ao sucesso tradicional. Surgia assim o meio artístico profissional. Este ensino continuou sendo oferecido nos moldes conservadores até depois da Segunda Guerra mundial.

Ao mostrar-se incapaz de exprimir o novo mundo que estava surgindo com a Revolução Industrial, a arte acadêmica, devido às suas regras rigorosas de ensino, acabou por limitar a liberdade criativa dos artistas. Hoje em dia, no meio artístico, a palavra “acadêmico” quase sempre carrega um significado pejorativo, sendo associado à mediocridade e à falta de originalidade.

A ruptura modernista com a arte acadêmica

No início do século XX, artistas como Picasso, Matisse, Kandinsky e muitos outros, incorporando as lições de Monet, Cézanne e Van Gogh, provocaram uma verdadeira revolução nas artes visuais ao romperem com os limites para a criação artística definidos pelas academias de belas-artes – retratar essencialmente o mundo visível com verossimilhança.

Os artistas modernos, também chamados de vanguardistas, modificaram a noção de representação (naturalista) tornando-a meramente figurativa. Em suas

obras de arte interessava cada vez mais tudo aquilo que é próprio da arte: as cores, as texturas, os volumes, o espaço bi e tridimensional.

Certa vez, Matisse, um dos primeiros artistas modernos, tendo pintado uma mulher em cor verde e, tendo mostrado sua obra a um crítico, ouviu-o dizer: *“Não existem mulheres verdes”*. Ao que Matisse respondeu: *“Mas não é uma mulher, é uma pintura”*. Este fato ilustra a essência do pensamento artístico moderno:

Uma tela pintada é uma realidade em si mesma e não uma reprodução fiel da realidade que deve ser avaliada de acordo com os critérios de semelhança com o mundo real pela competência técnica do artista em simular um quadro como se fosse uma janela.

A autonomia da arte em relação à realidade alcançou sua expressão máxima na arte abstrata. Os artistas abstratos promoveram o rompimento radical com qualquer idéia de representação em sua arte. Em suas obras de arte encontramos “realidades plásticas” não menos significativas do que as realidades da natureza.

2ª Parte

Cor, Luz, Percepção e Ciência

A grande transformação ocorrida na arte ao final do século XIX se dá paralelamente à Revolução Industrial. A civilização industrial, produto de profundas descobertas e transformações ocorridas no campo da ciência e da técnica, ampliou os principais centros urbanos da Europa e povoou as cidades de máquinas e objetos nunca antes vistos.

O novo modo de vida nas sociedades ocidentais – que, entre outras novidades, passou a contar com a luz elétrica que ampliou o dia iluminando as noites - mexeu com a percepção dos artistas e criou uma nova concepção da realidade. Os artistas passaram a ter um novo olhar sobre a natureza e a LUZ passou a ser observada como nunca havia sido antes.

O FUNCIONAMENTO DO OLHO HUMANO.

A luz penetra o olho e toca a retina, onde é absorvida pelo bastonete e pelas células cone (assim chamadas devido a sua forma). Essas células transmitem os sinais que a luz envia através do nervo ótico, diretamente “na mente do observador”. Os três tipos de cones são sensíveis ao comprimento de onda do vermelho, do azul e do verde e parecem ser responsáveis pela visão de cor à luz do dia. Em luz fraca, os bastonetes assumem e, sendo mais sensíveis à luz verde-azulada, distinguem claramente entre os valores da luz e da sombra.

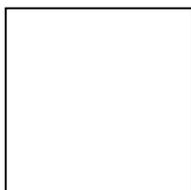
(Fonte de pesquisa: COR. Alison Cole. Coleção Galeria de Arte/ Editora Manole. SP, 1994)

Os impressionistas, que foram os primeiros a realizarem uma arte que refletisse todas essas transformações, estudaram profundamente a relação existente entre a COR, a LUZ e o OLHO HUMANO. E, para tanto, foram beneficiados por vários estudos científicos realizados sobre o assunto que criaram a CIÊNCIA DA COR. Os principais estudos que alargaram a compreensão humana sobre a cor e a luz foram feitos por Isaac Newton (a decomposição da luz solar e a descoberta do espectro solar), Moses Harris (a descoberta das cores primitivas ou primárias), Goethe (a teoria do contraste entre as cores), Chevreul (a lei do contraste simultâneo entre as cores) e, finalmente, o físico escocês James Clerk Maxwell (a mistura ótica das cores).

A experiência da Pós- Imagem

A experiência abaixo é uma ilusão descrita por Chevreul e pelo artista e cientista americano Ogden Rood. Para realizá-la pinte a forma do 1º quadro com uma cor primária de maneira bem compacta e intensa. Depois, fixe seu olhar por

15 segundos sobre esta forma e, a seguir, desloque-o para o espaço totalmente branco à direita.



ATIVIDADE 3

Responda:

- 1) O que você viu? _____.
- 2) Qual a relação entre a cor produzida pelo seu olhar e a cor antes pintada?
_____.

O seu olho, para descansar ou se reequilibrar da saturação sofrida pelo olhar prolongado, **produz** a cor oposta no espaço neutro. Você não acha interessante perceber que nós também produzimos o que vemos? Que nós participamos e somos ativos no nosso processo perceptivo?

O QUE É COR?

Na natureza não existem cores “reais”. O que existe são os vários comprimentos de onda que compõe a luz, os quais são absorvidos por todos os objetos à nossa volta. Os comprimentos de onda refletidos penetram nos olhos, que enviam sinais ao cérebro – só aí, então, acontece o “milagre” de vermos a cor. Cada cor possui o seu próprio comprimento de onda: o violeta possui o mais curto e o vermelho o mais longo. Quando essas cores se combinam com os pigmentos da natureza – a clorofila da grama, por exemplo – são criadas milhões de tonalidades. Os pintores reproduzem esse universo cromático usando as cores em pó de pigmentos naturais ou artificiais – ou seja, através da tinta que vem a ser a cor-pigmento. As cores pintadas, quaisquer que seja o seu brilho, são sempre mais foscas que as cores da luz.

(Fonte de pesquisa: COR. Alison Cole. Coleção Galeria de Arte/ Editora Manole. SP, 1994)

Impressionismo

Os impressionistas foram os primeiros artistas a rejeitarem decisivamente as idéias pregadas pelas academias. Quando surgiram foram renegados como artistas e suas obras foram recusadas nos Salões de Arte de Paris, pois não estavam interessados em produzir uma pintura de inspiração renascentista com cenas rígidas, frias e estáticas.

A primeira exposição do grupo data de 1874 e foi realizada no estúdio do fotógrafo Nadar, originalmente batizada de Salão dos Recusados, uma referência à constante recusa de suas obras nos Salões de Arte. A origem do termo *impressionista* a princípio teve um sentido jocoso e deve-se a um crítico que, ao olhar o quadro de Monet, *Impressões do sol nascente*, assim chamou o seu criador. O termo *impressionismo* foi então criado de forma pejorativa, mas pegou. Eles preferiam ser conhecidos como *independentes*, pois criaram salões de arte marginais ao sistema de arte vigente e viviam por conta própria sem se sujeitarem às imposições do meio artístico.

De certa maneira, o Impressionismo é uma radicalização dos preceitos do realismo, no que diz respeito à valorização do instante e às questões relacionadas à sensação visual, porém, dá um passo adiante nesses estudos, com um novo enfoque.

Os artistas impressionistas foram beneficiados pelo advento do quadro de cavalete e dos tubos de tinta de estanho flexível (substituindo a bexiga de porco) que, por serem portáteis, possibilitaram-nos sair de seus ateliês para pintar ao ar livre. Estavam interessados em captar a vida ao vivo, queriam perceber, captar e pintar tudo aquilo que estivesse sob o efeito passageiro, momentâneo e fugaz da luz do sol. Influenciados pelas novas teorias ópticas e pelos efeitos da fotografia instantânea, os artistas buscavam estudar cientificamente as cores, os reflexos e as transparências do efeito da luz sobre os elementos da natureza.

A seguinte citação de Monet é bastante elucidativa sobre as propostas dos impressionistas.

“Quando você sai para pintar, tente esquecer os objetos que estão à sua frente, uma árvore, uma casa, um campo, o que quer que seja. Simplesmente pense: aqui está um pequeno quadrado azul, aqui um retângulo rosa, aqui uma lista amarela, e pinte-os exatamente como lhe parecem”.

Claude Monet (1840 – 1926)

O objetivo de Monet era comprovar que aquilo que vemos está condicionado pela luz solar e suas variantes durante o dia (manhã, tarde e noite). Por isso, ele produziu pinturas em série, onde uma mesma paisagem ou local era representada em diferentes horas do dia.

ATIVIDADE 4

Pesquisar em livros e/ou na internet a obra dos seguintes artistas impressionistas: Monet, Renoir e Degas. Tente perceber as diferenças do estilo de cada um.

Resumindo, podemos listar como características da arte impressionista:

- ◆ O artista passa a pintar **ao ar livre** para captar a luz do dia, trabalhando a partir da observação direta da natureza;
- ◆ o tema (conteúdo ou assunto) da pintura perde a importância pois o que mais importa é a forma, ou seja, o novo jeito de pintar com **pinceladas rápidas e aparentes** (pinceladas atômicas) e a **mistura ótica** que faz com que percebamos uma terceira cor quando justapomos duas cores sem chegar a misturá-las;
- ◆ realização de **pinturas em série** sobre um mesmo tema;
- ◆ a **cor** passa a ser o elemento visual mais importante na composição pois é através dela que a luz é representada;
- ◆ o resultado são quadros com **superfícies vibrantes e multicoloridas** que por vezes parecem imagens abstratas

A história da pintura pré-moderna mostra que a descoberta da energia da cor, como fenômeno ótico que reflete a luminosidade ambiente, revela que nunca antes se havia caminhado tanto no sentido de fazer com que a cor emergisse como expressão artística autônoma.

O Elogio da Cor.

(Ferreira Gullar, 1982)

“O Impressionismo é a redescoberta da cor. A cor fora de casa, imersa na luminosidade atmosférica. A cor como realidade objetiva, como fenômeno natural. Cor-luz. A pincelada do artista se atomiza para captar a vibração luminosa. A cor soterrada sob séculos de pintura vem agora dançar na superfície da tela. Mas isso não teria sido possível sem o desenvolvimento da ciência que fundamentou uma nova visão da realidade, que terminou por varrer dos bosques, dos rios e dos mares os entes mitológicos. A natureza amanhece para o artista como fenômeno puramente sensorial – sem passado.

Mas a cor do Impressionismo é a cor natural. O esforço é no sentido de captá-la tal como ela é na natureza. Esse esforço induz a uma nova técnica de pintar, que pulveriza a linguagem naturalista anterior, herdeira do Renascimento. Essa cor natural não cabe no limite dos objetos, invade os espaços entre eles: o quadro se torna todo ele uma área cromática vibrante. Está aberto o caminho para uma nova idade da cor”.

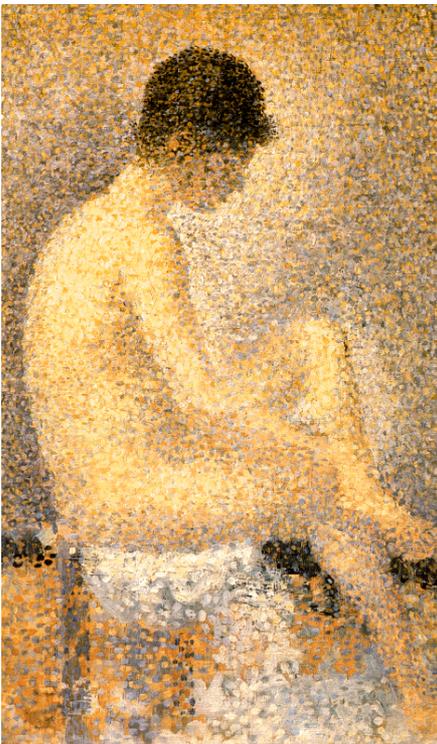
A grande contribuição do Impressionismo foi ter chegado a novas conclusões sobre a verdade da representação verossímil do mundo visível nas imagens artísticas, o que acabou decretando a decadência da arte naturalista. Eles foram beneficiados pelos avanços ocorridos na arte do Romantismo e do Realismo – estilos artísticos que surgiram após o neoclassicismo – e conquistaram tamanha liberdade criativa que deu início mais tarde à grande revolução na arte ocidental: **a arte moderna**. Sem o Impressionismo não teria havido a Arte Moderna.

Pontilhismo

Os pintores franceses Georges Seurat (1859 –1891) e Paul Signac (1863-1935) são analisados de forma diferenciada, pois foram os primeiros a aplicarem rigorosamente as teorias científicas das cores desenvolvidas no século XIX em seus trabalhos artísticos.

Eles combinaram as idéias sobre contraste das cores (Chevreul) e mistura ótica (Maxwel e Rood) e criaram uma nova técnica de pintura chamada “**Pontilhismo**” ou “**Divisionismo**”. A novidade consistia em justapor pontos de cores brilhantes e contrastantes para que a forma fosse percebida sem que se usasse a linha para contorná-la.

Seus trabalhos foram considerados como “arte matemática” porque as proporções de luz e cor eram matematicamente calculadas para provar que as misturas óticas poderiam ser tão luminosas quanto à mistura aditiva da luz.



Modelo de perfil, Georges Seurat

Observe na obra ao lado como são os pontos que nos revelam a forma, não há linhas determinando os contornos.

ATIVIDADE 6

Leitura da obra de arte

Uma tarde de domingo na Grande Jatte, Georges Seurat



Pré- Modernos

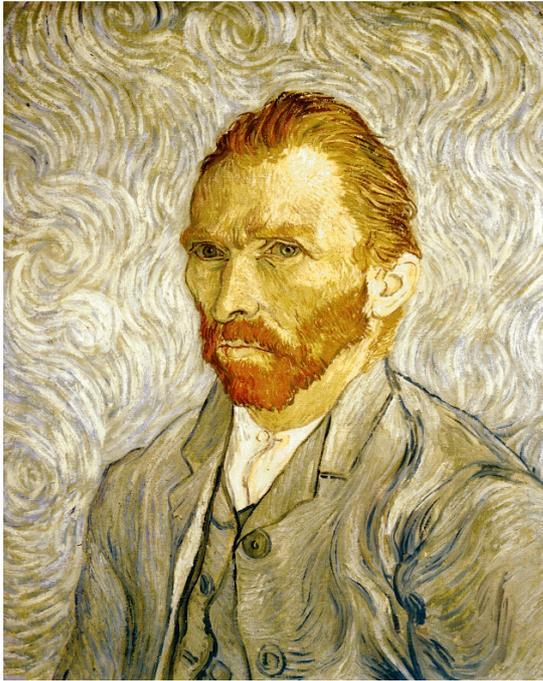
Cézanne e Van Gogh viveram na Europa do final do século XIX e conviveram com os artistas impressionistas, usufruíram de suas conquistas e se interessaram também pela nova função da cor na composição artística. Mas eles não eram impressionistas porque não tinham a mesma preocupação com a aparência das formas sob a luminosidade ambiente. Suas preocupações eram outras e cada um seguiu um caminho próprio contribuindo de maneira decisiva para o surgimento da arte moderna.

A obra desses dois grandes artistas, assim como a de Gauguin e Toulouse-Lautrec, são como pontes que fazem a ligação entre as grandes conquistas estéticas do Impressionismo com o surgimento da Arte Moderna. Por isso esses artistas são chamados também de pré-modernos.

Vincent Van Gogh (1853-1890)

“Em vez de tentar reproduzir exatamente o que eu tenho diante dos olhos, eu uso a cor mais arbitrariamente, de forma a expressar-me vigorosamente”.

Van Gogh tinha obsessão pelas cores. Usou-as de maneira exagerada e distorcida, assim como as linhas, com o intuito de expressar seus sentimentos, suas emoções e sua sensibilidade extraordinária. Para ele, a cor era um veículo da energia interior do homem, revelando a sua subjetividade feroz e transformadora da realidade representada. O naturalismo das cores não lhe dizia respeito, o que lhe interessava eram as emoções fortes que as cores despertavam. Qualquer tema representado era um pretexto para fazer emergir na tela o seu estado de espírito daquele momento (o seu mundo interior).



Auto-retrato, Vincent Van Gogh



Girassóis, Vincent Van Gogh

O historiador da arte Giulio Argan diz que “O Impressionismo fizera muito, porém não bastava preparar-se para receber sensações. Os próprios impressionistas, a partir de 1880, sentem a necessidade de um aprofundamento”.

Van Gogh não tentava fundar uma nova ciência da percepção sobre a autenticidade da sensação, nem se propunha a superar o caráter físico da vista no espiritualismo da visão. Travava uma pesquisa ética, som seu romantismo extremado, Por isso a sua pintura encontra-se nas raízes do Expressionismo, como proposta de uma arte-ação.

Van Gogh teve uma vida atribulada, com dificuldade de adaptação à sociedade de sua época. Começou a pintar tarde, vendeu apenas uma tela em vida e morreu muito cedo, aos 37 anos. Argan diz que

“com ele, inicia-se o drama do artista que se sente excluído de uma sociedade que não utiliza seu trabalho, fazendo dele um desajustado, candidato à loucura e ao suicídio. E não só o artista: uma sociedade pragmatista que atribui ao trabalho a finalidade exclusiva do lucro não pode

senão rejeitar aquele que, preocupado com a condição e o destino da humanidade, desmascara sua má consciência”.

Por tudo isso, Van Gogh perfaz o caminho que vai

da IMPRESSÃO à EXPRESSÃO

Podemos dizer que Van Gogh aprendeu com os impressionistas tudo o que diz respeito às influências entre as cores, mas tais relações o interessam não como correspondências visuais, e sim como relações de força (atração, tensão, repulsão) no interior do quadro. Em virtude dessas relações e contrastes de forças, a imagem tende a se deformar, a se distorcer, a se lacerar; pela aproximação estridente das cores, pelo desenvolvimento descontínuo dos contornos, pelo ritmo cerrado das pinceladas, que transformam o quadro numa composição de signos animados por uma vitalidade febril e convulsa. A matéria pictórica de Van Gogh adquire uma existência autônoma, exasperada, quase insuportável; o quadro não representa; é.

Assim, sua obra foi fonte de inspiração para o surgimento de um importante movimento moderno, o Expressionismo.

ATIVIDADE 7

Leitura da Obra de Arte

Noite estrelada, Van Gogh

Observe esta pintura de Van Gogh e, de acordo com o roteiro de leitura de imagem em anexo, faça um exercício de leitura desta obra. Lembre-se: observar, aguçar o olhar e a percepção são os requisitos fundamentais para esta atividade.

Um outro artista pré-moderno que muito influenciou o movimento modernista na pintura foi **Paul Cézanne** (1839 – 1906). O foco principal da pesquisa pictórica de Cézanne não foi a cor, como era o caso de Van Gogh, mas o estudo da forma. Cézanne dizia que “Devemos tratar a natureza pelo cilindro, a esfera e o cone”.

Enquanto o Impressionismo se preocupava em captar o aspecto fugaz da natureza, a aparência das formas que a cor revela, Cézanne se preocupava com a essência dessas formas, com a sua estrutura básica e permanente. Suas investigações o levaram a afirmação de que as **formas geométricas** são as estruturas básicas e permanentes de todas as formas que existem na natureza. Por mais que elas não sejam aparentes, elas estão presentes na estrutura de toda e qualquer forma existente no mundo visível. Sua obra foi fonte de inspiração para o surgimento do primeiro movimento de arte moderna: o Cubismo.



Maçãs e laranjas, Paul Cézanne

A Fotografia

Uma invenção que influenciou as mudanças de rumo da arte no século XIX

A fotografia, mais um dos frutos da Revolução Industrial, talvez tenha sido o descobrimento mais revolucionário dos últimos 500 anos. A partir dela a arte de pintar foi inteiramente transformada e levada a repensar o seu próprio sentido. Antes da fotografia, pintar era reproduzir o mundo da forma mais naturalista possível. Os artistas especializavam-se nos detalhes, no perfeccionismo, nas sutilezas, na reprodução fiel e idêntica à natureza. Era necessariamente um processo complicado, lento, caro, difícil, e apenas bons pintores possuíam capacidade para esta tarefa.

A invenção da máquina fotográfica

O ponto de partida para a invenção da fotografia foram os trabalhos do pintor e físico francês Daguerre (1787-1851), no ano de 1839, na França. O primeiro processo de fixar imagens na câmara escura, aparelho primitivo de reprodução exata das imagens, chamou-se daguerreótipo e consistia numa peça única com um processo caro de obtenção da imagem. A burguesia viu nesse invento uma oportunidade de perpetuar a sua imagem, como os nobres faziam ao contratar os pintores para fazer seus retratos.

Nas décadas de 1850 e 1860, com o aprimoramento dos recursos técnicos, houve um barateamento dos custos de um retrato, o que o tornou acessível a um grande número de pessoas e apressou a divulgação da fotografia pelo mundo afora.

(Fonte: Proença, G. "História da Arte". Editora Ática; SP, 2001)

Quando surge a fotografia, ela cria algo que parecia até então impossível. Fixa cenas que estão acontecendo e de maneira rápida, barata e acessível as pessoas. É a partir dela que vão se desenvolver outros mecanismos de constituição da imagem, como o cinema, até que a eletrônica altere radicalmente essa forma de reprodução do mundo.

Nas cidades europeias do final do século XIX e início do século XX, o ritmo de vida se acelerou a partir da expansão dos meios de transporte – a carruagem e, mais tarde, o trem. Através das janelas os homens vêem as imagens tornarem-se cada vez mais rápidas devido à velocidade dos veículos. Isso alterou significativamente a sua forma de ver o mundo.

A fotografia consegue deter esse processo de aceleração de imagens que passam pela nossa frente, através do trem e depois do automóvel, e fixá-las. A pintura não tinha essa capacidade de apreender cenas que aconteciam muito rapidamente. A máquina fotográfica congela uma ou muitas cenas e consegue estabelecer um momento de contemplação daquele/s fragmento/s da realidade veloz que foram capturados e agora se encontram estáticos.

FOTO/GRAFIA = ESCRITA DA LUZ

Da fotografia surgiu o cinema, que grosso modo não passa de uma série de fotografias colocadas em seqüência (24 poses por segundo), a tal ponto que sua exibição num certo ritmo provoca a ilusão de movimento.

Uma das primeiras fotografias realizadas com o daguerreótipo



A fotografia inicia, segundo o filósofo Walter Benjamim, a “era da reprodutibilidade técnica”, onde as imagens não mais são produzidas em escala artesanal, pelas mãos do homem, mas, em série, como a intermediação da

máquina, mudando a nossa concepção sobre o tempo, sobre o mundo que nos cerca e sobre nós mesmos.

Mas, por mais técnica que seja a fotografia, não podemos esquecer que quem manipula e opera esta máquina é o ser humano, com toda sua subjetividade e intencionalidade.

Atividade:

Cole, no espaço abaixo, uma fotografia na qual você observa a intenção do fotógrafo nas escolhas que fez (de enquadramento, posicionamento de câmera, composição, etc.) e explique porque essas escolhas ficam claras na foto.

3ª PARTE:

A Arte Moderna

Contextualização histórica

O século XX foi um período da história da humanidade em que ocorreram grandes transformações que ditaram decisivamente os rumos da humanidade. Mudanças no terreno científico, tecnológico, social, político e econômico, que aconteceram como desdobramento de outras transformações ocorridas no século XIX. Vamos lembrar e analisar alguns acontecimentos marcantes deste século como um todo, e depois, especificamente, os acontecimentos que influenciaram a arte moderna.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) devasta a Europa, causa desequilíbrio moral, econômico e político. Perde-se a fé nos valores humanos do século XIX e nasce a psicanálise. Esta, aliada às novas noções de movimento e velocidade trazidas pelas tecnologias emergentes (automóveis, eletricidade, cinema), transforma gradativamente o modo de vida urbana e o pensamento do homem deste século.

Mais tarde, com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e os novos avanços científicos como a Teoria da Relatividade, a bomba atômica, os antibióticos, velocidade supersônica, a conquista do espaço, as novas tecnologias da comunicação (rádio, imprensa, televisão, fotografia, cinema, computador), os valores e as estruturas sociais são questionados e postos sob revisão.

Nestes contextos de rápidas transformações, a arte no século XX sofre profundas mudanças de paradigmas. Podemos destacar dois importantes movimentos artísticos que representam essas mudanças: a arte moderna, no início do século, e a arte contemporânea, surgida na 2ª metade do século. Vamos estudar agora a arte moderna. No contexto específico de criação da arte moderna, podemos destacar alguns acontecimentos que tiveram grande influência:

As grandes invenções e acontecimentos do final do século XIX e do início do XX

- Bell e o telefone
- Thomas Edison e a lâmpada de incandescência
- Pasteur e as leis da assepsia
- Linhas ferroviárias se multiplicam
- Santos Dumont e o avião
- A Primeira Guerra Mundial
- A disseminação do uso do automóvel
- A popularização da fotografia
- A criação do cinema

Pense bem, não são poucas as mudanças citadas acima e suas conseqüências na vida das pessoas.

Comparando com os movimentos artísticos que estudamos nos anos anteriores, observamos que a arte do século XX já não está mais a serviço da Igreja (como na arte medieval e no período do Barroco), nem do poder régio ou da aristocracia (como no Neoclassicismo). Sua função também não é mais a de retratar fielmente a sociedade (como no Realismo); nem pretende construir nenhum ideal humano (como faziam os renascentistas) e tampouco deseja representar a natureza e suas aparências sob os efeitos da luz (como pretendiam os impressionistas). Qual passa a ser a função da arte a partir de então? Qual a sua razão de ser neste novo mundo? Será o de retratar o belo do ideal clássico ou copiar o real tal como a fotografia?

Aproveitando-se da “porta aberta” pelos impressionistas e os pós-impressionistas, os artistas modernos desafiaram radicalmente os padrões clássicos de beleza e a estética naturalista. Afirmavam que para o novo mundo que surgia deveria haver uma nova arte que expressasse a nova sensibilidade humana que se criara, afinal, a arte é histórica.

Na Paris efervescente do final do século XIX e início do século XX, Montmartre transforma-se no centro da vida noturna de artistas, boêmios e intelectuais. Múltiplas teorias e manifestos artísticos eram produzidos e consumidos para a criação de novas teorias e novos manifestos. Como é freqüente em momentos de

crise, a criatividade humana disparou no início do século XX: nascia a Arte Moderna.

Nem todo o mundo concordava com a nova estética e a grande maioria mesmo da sociedade ainda preferia a arte tradicional. Aqueles que concordavam e defendiam a nova e “estranha” arte que surgia eram chamados de **vanguarda**, pois propunham uma arte à frente de seu tempo, de sua época. Por isso o termo “arte de vanguarda”.

Abaixo, um pequeno glossário para que você se familiarize com palavras que usamos na teoria da arte:

NOVO = desligado do tempo, “o novo de cada um”

MODERNO = “novo” no tempo, de tempo novo

CONTEMPORÂNEO = do mesmo tempo

VANGUARDA = de “avant gard” (à frente da guarda); o que ainda está por vir; está à frente. Será vanguarda o que determina alguma mudança no futuro

“... na arte, mesmo aquilo que parece cópia fiel do natural é, na verdade, apenas uma pintura. Como tal, mantém uma relação de afinidade com seu modelo, mas constitui uma realidade diferente da dele. A arte que surge nessa passagem de século vai aos poucos abandonando o contato com o mundo visível. Deixa de procurar a superfície visível das coisas para penetrar no seu interior. Em vez de criar imagens parecidas com a realidade, os artistas preferiam aquelas que expressassem o que sentiam diante da realidade, ou seja, suas angústias e críticas. Tal posição nem sempre resultava em obras agradáveis ou verossímeis, mas os artistas haviam descoberto uma nova função para a arte” (Cristina Costa, “Questões de Arte”).

Características gerais da Arte moderna e de seus movimentos (os “ismos”)

As principais correntes ou movimentos da arte moderna foram o Fovismo, o Cubismo, o Futurismo, o Expressionismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, o Abstracionismo. Apesar de muito diferentes entre si, os movimentos modernistas apresentam algumas características gerais e marcantes. São elas:

- A liberdade de criação que fez surgir várias correntes artísticas que conviveram, divergiram e se enriqueceram com as diferenças;
- A nova concepção do espaço plástico que deixa de ser perspectivo e torna-se cada vez mais plano, valorizando-se a exploração dos elementos plásticos ou visuais (o ponto, a linha, a cor, a forma, o volume e o espaço) que passam a ser utilizados sem tanta preocupação com a representação do mundo visível;
- O tema da obra perde a importância que tinha no passado e passa a ser um pretexto para a criação artística;
- A experimentação de novas técnicas e materiais provocou o surgimento de novas linguagens artísticas como a colagem e a assemblagem, por exemplo;
- A incorporação de referências artísticas de povos não europeus: a arte oriental, a arte africana, a arte indígena, entre outras.

A construção, a desconstrução e a reconstrução da forma: as novas relações espaciais

A grande transformação artística desencadeada pela arte moderna pode ser descrita pelas palavras do pintor Maurice Denis:

“Um quadro, antes de ser um cavalo de batalha, uma mulher ou qualquer outra anedota, é essencialmente uma superfície plana coberta de cores dispostas segundo uma certa ordem.”

Esta é a grande revolução: A pintura não é mais apenas um veículo, um instrumento para o desenho ou o “assunto” abordado na tela. A pintura, assim como a escultura e outras formas artísticas, é, em si mesmo, o foco principal da arte.

A sua superfície, sua textura, suas manchas de cor, sua matéria concreta se tornam o próprio “assunto” da arte. O tema inspirador deixa de ser representado por si próprio; ou seja, para ser avaliado de acordo com os critérios naturalistas que asseguravam qualidade à representação caso ela reproduzisse o assunto escolhido com uma objetividade perfeita. Esse não é o ideal dos modernos. Para eles, cada vez mais o tema ou o assunto de uma obra trata-se de um mero pretexto para criar composições artísticas onde os elementos visuais estejam se relacionando de maneira nova, criativa e sugerindo sensações visuais significativas.

Atividade 1:

Qual a diferença entre arte naturalista e arte figurativa? Será que toda arte figurativa é naturalista? E o inverso, será que toda arte naturalista é figurativa? Pesquise e discuta com seus colegas sobre o significado desses dois termos e responda as perguntas acima.

Atividade 2: Leitura de Obra de Arte

- Analisar **formalmente** (verifique roteiro de leitura de obra no final da apostila) a obra “**Mademoiselle D’Avignon**”, de Pablo Picasso. Em seguida, relacione as observações feitas na sua leitura com as características da arte moderna destacadas anteriormente.

A autonomia da obra de arte em relação ao mundo visível (o assunto ou o tema) foi ficando cada vez maior até chegar o ponto em que ele foi completamente abolido das composições artísticas. Cabe então perguntar: o que sobrou para os artistas representarem?

A resposta é que os artistas que chegaram a esse ponto não queriam mais representar (representar = reapresentar, ou seja, apresentar de novo) o mundo visível. Para eles a arte não deveria ser de forma alguma apenas o reflexo da realidade visível. Ela é o espaço para a criação de novas realidades.

E que realidades são essas? As realidades plásticas que os artistas criam usando apenas os elementos visuais que passam a se relacionar livremente no espaço (bi ou tridimensional) sem as imposições das leis da representação. A imagem figurativa foi totalmente desconstruída e liberou os artistas para a (re)construção de novas imagens (agora, às vezes, abstratas, pois não tinham mais nenhuma intenção de descrever o mundo visível e se distanciavam cada vez mais das referências deste mundo), totalmente livres de qualquer imposição representacional.

Chegar a esse ponto parece ter sido a grande procura inconsciente da arte desde o Impressionismo. E, a partir daí, houve então um “divisor de águas” na arte moderna. Ela se dividiu entre os movimentos que, mesmo sem naturalismo, ainda faziam uso da representação (o fovismo, o cubismo, o futurismo, o expressionismo, o dadaísmo, o surrealismo) e os movimentos artísticos não representacionais (o abstracionismo, a arte concreta, a Op Art).

Principais Movimentos Artísticos Modernos - Século XX

CUBISMO

Podemos dizer que o Cubismo é um movimento artístico decorrente da preocupação que Cézanne tinha em relação ao estudo da forma. Desenvolvido por Picasso (1881 – 1973) e Braque (1882 – 1963), rompeu com a idéia de imitação da natureza e abandonou as noções tradicionais de perspectiva. Esses artistas procuravam novas maneiras de retratar o que viam e, influenciados por Cézanne, passaram a valorizar as formas geométricas e a retratar os objetos e as pessoas como se estivessem partidos, ou multiplamente retratados segundo os diversos pontos de vista sob os quais eram observados. Todas as partes de um objeto (lados, parte superior e inferior) eram representados em um único plano, ao mesmo tempo, como se o artista visse esse objeto de vários ângulos diferentes simultaneamente.

É o “tudo-ao-mesmo-tempo-agora” de que falam os Titãs, concretizado na pintura. O Cubismo traz a 4^A dimensão à pintura: O TEMPO! A VELOCIDADE! A possibilidade de se visualizar um objeto por todos os ângulos ao mesmo tempo.

Essa forma de representação fragmentada e múltipla é a marca registrada do Cubismo.

Uma outra importante característica trazida pelo Cubismo é a incorporação de outros materiais e técnicas. Com o Cubismo surgem as experimentações no campo da colagem, que passa a ocupar um lugar, digamos, mais nobre no universo da arte. Então, elementos como as palavras, pedaços de papel, de jornais, de rótulos, letras, números, pedaços de vidro e de madeira, começam a ser adicionados às pinturas.



“A mesa do músico”, Georges Braque

COLAGEM

Composição elaborada a partir da utilização de matérias de texturas variadas ou não, superpostas ou colocadas lado a lado, na criação de um motivo ou imagem a ele associada.

No período entre 1912-1914, época da evolução do cubismo, o termo referia-se ao processo, adotado por Picasso e Braque, de aplicar no suporte pictórico tecidos, papéis pintados, recortes de jornal e outros materiais. O uso de elementos de texturas diversas na colagem estendeu-se, depois, ao domínio da escultura, vindo a influir em criações do surrealismo.

Pablo Diego José Francisco de Paula Juan Nepomuceno Maria de Los Remedios Cipriano de La Santíssima Trinidad Ruiz y Picasso (1881-1973).

Este é o nome completo daquele que se transformou no ícone da arte moderna, talvez o mais representativo de todos os pintores de sua geração.

Para Apollinaire, famoso crítico de arte francês, Picasso com sua arte diferenciou o século XX do século XIX, destruindo com altiva insolência trinta séculos da arte ocidental para harmonizá-la com o mundo novo.

O Cubismo, para Apollinaire, é o assassinato da anatomia. E Picasso foi o seu cirurgião-mor. O Cubismo é o abandono da rotina da pintura-sentimento e da pintura-tema.; transformando-a em linguagem exclusivamente pessoal, dentro da nova organização de espaço, estrutura e ritmo. Principalmente ritmo.

Em algumas obras cubistas, o artista se preocupou tanto em apresentar simultaneamente todos os lados de um objeto escolhido que, devido à fragmentação excessiva desse objeto, ficou quase impossível reconhecê-lo na pintura.

Atividade 4

Você vai experimentar agora a sensação de ser um pintor cubista. Escolha um objeto (ou pessoa) para ser o seu modelo. Agora corte uma folha do seu caderno Canson em oito partes iguais. Desenhe em cada parte dessas o seu objeto visto de pontos de vista diversos. Mexa-se em volta dele, veja-o e desenhe-o de diversos ângulos diferentes, sem preguiça. Depois de realizada esta etapa, você vai cortar estes pequenos desenhos, fragmentos de imagens e montá-los, colando-os em outra folha de papel. Procure, em folhas de revistas, letras que possam formar a palavra que nomeia este objeto (ou nome da pessoa retratada) e cole estas letras no seu trabalho, da melhor maneira que achar. Mas lembre-se de que as palavras numa composição cubista são elementos visuais e não títulos ou legendas explicativas. Seja criativo, aproveite esta oportunidade

EXPRESSIONISMO

O Expressionismo já indica, com seu próprio nome, a principal razão de sua existência: expressar os sentimentos e visões de mundo dos seus artistas. Representado principalmente por Munch, Kirchner, Dufy, Kokoschka, o Expressionismo já fora anunciado pelo pintor pós-impressionista Van Gogh, seu grande precursor. Os artistas expressionistas estavam inconformados com a aparência vulgar e convencional do mundo visível e com o modo descritivo com que a arte acadêmica representava este mundo. Passam então a distorcer as formas naturais para expressar suas emoções, seus sentimentos particulares e sua visão sobre o mundo. Para isso fazem uso de cores fortes, de traços e linhas marcados e vibrantes, que resultam em uma dramaticidade e expressividade extremas.

O expressionismo manifestou-se também no cinema alemão e russo do início do século. Assim como na pintura, os filmes expressionistas (o cinema ainda era em preto e branco nesta época) rompem também com o realismo das formas, através de imagens que fazem uso do exagero expressivo, imagens plenas de dramaticidade e teatralidade. Aí também os temas são soturnos e densos.

Uma obra pictórica que é considerada um símbolo do Expressionismo é “O Grito”, do pintor alemão Edvard Munch, já vista anteriormente, na parte dois de nossa apostila.

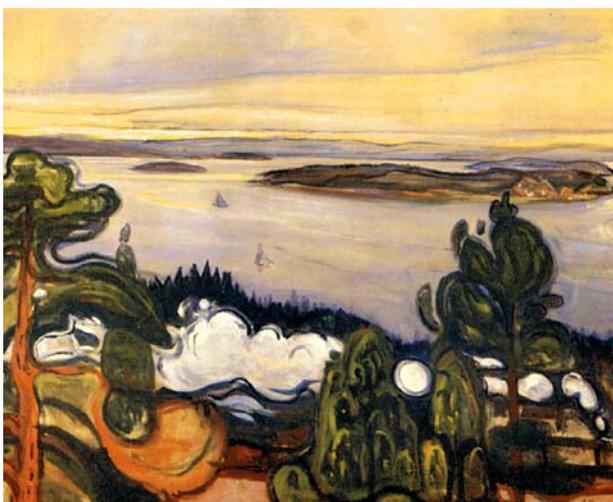
Outras obras trazem também características marcantes do Expressionismo na pintura:



“Cinco mulheres na rua”, Kirchner.

Atividade 5

Observe esta outra obra de Munch. Ela não te lembra uma certa obra do mestre Van Gogh? Tanto Munch como Van Gogh, nas suas pinturas, distorcem as linhas e as cores de modo a submetê-las à expressão de suas emoções. Pesquise e cole aqui a obra de Van Gogh que se assemelha a esta pintura de Munch.



“Fumaça do trem”, Edvard Munch



ABSTRACIONISMO

De um modo amplo, a palavra *abstrato* pode ser aplicada a qualquer obra de arte que não faça uma representação imediata dos objetos. O artista abstracionista usa cores, linhas e manchas para criar formas indefinidas, não copiando mais a realidade. O pintor russo Vassily Kandinsky (1866-1944) é considerado por muitos historiadores o iniciador da pintura abstrata no sistema de arte ocidental (é importante não perdermos de vista que estamos estudando a história da arte ocidental e, neste momento, lembrarmos que representações abstratas já haviam sido exploradas pela arte indígena e pela arte africana, entre outros sistemas de arte).

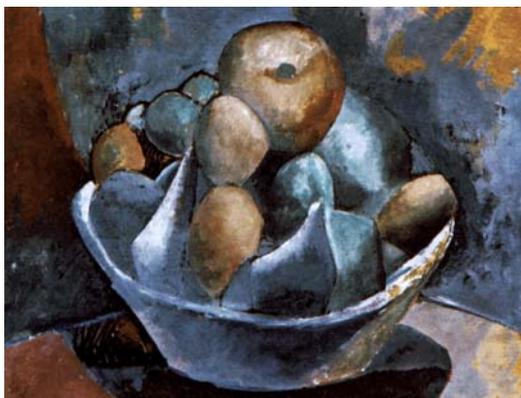
O termo abstracionismo geralmente é usado para designar algumas obras de arte do século XX de artistas que abandonaram a concepção tradicional de arte como imitação da natureza. Eles criaram em suas pinturas formas e cores que não estão imediatamente relacionadas com as formas e as cores dos objetos, ou seja, ao observamos uma pintura abstrata não identificamos de imediato o objeto ou a cena representada.

**ABSTRAIR= SEPARAR
ABSTRATA= SEPARADA DA FIGURA, DO MUNDO
FIGURATIVO e IDENTIFICÁVEL**

É interessante perceber que alguns artistas que desenvolviam seu trabalho em outros movimentos modernos, como o Cubismo ou o Futurismo, por exemplo, radicalizaram tanto suas pesquisas nestes movimentos, que atingiram a abstração, mesmo não sendo este o seu objetivo primeiro. Há também artistas que misturam, numa mesma obra, formas figurativas e formas abstratas. Há também os que tiveram uma fase figurativa em sua carreira e outra abstrata. Os verdadeiros artistas estão sempre pesquisando, procurando novos caminhos e

diferentes soluções para seu trabalho. Isso implica, muitas vezes, em mudança de rumo, em abandono de uma forma já estabelecida pela busca de uma nova forma de expressão. Correr o risco de caminhar por terrenos desconhecidos é uma situação que um artista não pode temer.

Observando estas duas obras de Picasso, ambas “Naturezas Mortas”, perceba como o mesmo artista pode abordar de diferentes maneiras os elementos visuais em cada composição, chegando a dar-nos a impressão de que são obras de diferentes artistas. Observe também como a deformação pode levar a uma estilização das formas, aproximando-as de formas abstratas.



“Fruteira”, Picasso



“Copo e maço de cigarro”, Picasso

ABSTRACIONISMO INFORMAL

E

ABSTRACIONISMO GEOMÉTRICO

O abstracionismo dominou a pintura moderna e se diversificou em duas tendências principais: o abstracionismo informal (que não faz uso de formas geométricas) e o abstracionismo geométrico. O abstracionismo informal, que tem em Kandinsky seu principal representante, expressa os sentimentos e idéias do

artista que, com total liberdade de expressão, utiliza cores, linhas e formas de maneira espontânea.

Diferentemente do informal, no abstracionismo geométrico as formas e as cores são organizadas mais racionalmente e a base da composição é composta por linhas e figuras geométricas. O pintor e projetista russo Kazimir Malevich (1878 –1935) e o pintor holandês Piet Mondrian (1878 – 1944) foram os pioneiros do abstracionismo geométrico. Podemos observar um desejo de objetividade, uma tendência antiindividualista e antiexpressionista, a busca de uma “arte pura”, das formas exatas e das cores puras (primárias), no abstracionismo geométrico.

Observe as duas reproduções de pinturas abaixo, tentando perceber as características dos dois movimentos que fazem uso da abstração.



"Primeira aquarela abstrata", Vassili Kandinsky "Oito retângulos vermelhos", Malevich

SURREALISMO

O movimento Surrealista surgiu em Paris em 1924, fruto dos ideais de um grupo de escritores e artistas que, liderados por André Breton (1896 – 1966), valorizavam as pesquisas científicas, sobretudo a psicanálise. Esse grupo de artistas, que ficou conhecido como a vanguarda europeia do início do século XX, baseava-se principalmente nos estudos de Freud e explorava o inconsciente e os sonhos nas expressões artísticas. Dessa maneira, as obras não seguiam nenhum padrão estético pré-determinado e não se prendiam à moral, à lógica e à razão. Elas muitas vezes parecem sem sentido, mas na realidade representam os pensamentos mais íntimos e verdadeiros do homem. Como representantes significativos do Surrealismo na pintura, podemos destacar, Salvador Dalí (1904 – 1989). e René Magritte.

Com o passar do tempo muitos artistas juntaram-se ao grupo, entre eles o pintor e designer russo Marc Chagall (1893 – 1983) e o pintor e artista gráfico espanhol Joan Miró (1893 – 1983). Este último foi um pintor representativo da linha abstrata dentro do Surrealismo. Como características formais de sua obra podemos destacar a linearidade e uso de sistemas simbólicos.

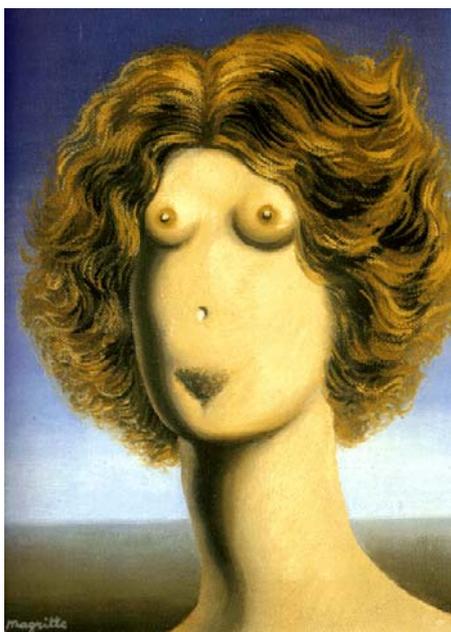
Vejamos agora algumas pinturas surrealistas. Observe que alguns pintores surrealistas, na sua forma de representação, estão muito vinculados ainda à arte acadêmica, apesar de trazerem uma postura moderna na liberdade de expressão e abordagem do real (Dalí e Magritte). Já outros, se distanciam do naturalismo das formas, chegando até a abstração (Juan Miró). Podemos dizer, porém, que as imagens do sonho e do subconsciente representam bem o universo surrealista, em ambos os casos.



“A Persistência da memória”, Salvador Dali



“Composição”, Juan Miró



“Violação”, Renè Magritte



“O aniversário”, Marc Chagall

Atividade 6: Leitura de obra de arte

Escolha uma das obras surrealistas acima e faça, de acordo com o nosso roteiro, uma leitura formal desta obra.

DADAÍSMO

Muitos artistas plásticos e escritores que eram contra a participação de seus países na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) se refugiaram em Zurique, na Suíça, e criaram em 1915 um movimento literário que propunha divulgar suas decepções diante da passividade das instituições em relação à guerra. Um desses artistas, o poeta romeno Tristan Tzara, para escolher um nome para este movimento, abriu aleatoriamente um dicionário e colocou o dedo sobre a palavra “dada”, que em francês significa “cavalinho de brinquedo”. A partir daí o movimento ficou conhecido como Dadá ou Dadaísmo. Com essa atitude Tzara quis mostrar que tanto o nome quanto a própria arte do movimento não faziam mais sentido num mundo irracional que estava devastado pela guerra. Tzara e seus contemporâneos, indignados com a falta de lógica dos acontecimentos políticos e sociais da época, criaram um estilo de arte considerado vazio de significado, pois era dessa forma que eles consideravam o mundo. O Dadaísmo surge então, resultando e confrontando não só a arte como o campo dos valores e do comportamento humano, propondo uma ruptura lógica com o nexu, buscando a incoerência.

As idéias dadaístas (o manifesto do grupo foi escrito em 1918) foram divulgadas em vários países. Em Nova York, a segunda capital da arte moderna, o movimento foi fundado pelos artistas franceses Marcel Duchamp (1887 – 1968) e Francis Picabia (1879 – 1953) e pelo pintor, escultor e fotógrafo americano Man Ray (1890 – 1977).

Em 1912 Marcel Duchamp inventou um novo tipo de obra de arte, chamado “ready-made”, que significa “já feito, pronto”. Seus ready-mades faziam uso de objetos industrializados (já prontos) para compor uma obra de arte. Ele construiu , por exemplo, uma obra com uma roda de bicicleta e a colocou sobre um banquinho. Mais tarde, 1917, ele trouxe a público em uma exposição um urinol, batizado de *Fonte*. Duchamp, com esses gestos provocativos, pretendia acabar

com o conceito de beleza estética e questionar o papel da arte na sociedade moderna. Vamos ver futuramente como a apropriação dos objetos industrializados do Dadaísmo de Duchamp influenciou o movimento artístico que sucede a arte moderna: a arte contemporânea.



"Presente", Man Ray



"A Fonte", Marcel Duchamp

PRINCIPAIS TÓPICOS

Vamos agora recapitular as propostas trazidas pela Arte Moderna, enfatizando as principais características de cada movimento visto nesta apostila.

Cubismo

- Preocupa-se com o estudo da FORMA e do ESPAÇO
- Quebra com o espaço perspectivo, mudando o código visual da arte.
- Com o uso da colagem, desmistifica a idéia de que com materiais menos "nobres" não se pode fazer arte.
- Estilo de arte racional baseado na geometria matemática.

Principais artistas: Pablo Picasso e Georges Braque

Expressionismo

- Preocupa-se com a expressão dos sentimentos como a dor, a angústia, a raiva e a crítica.
- Arte subjetiva.
- Caráter emotivo e intenso.
- As cores sugerem a profundidade e o modelado pictórico
- Pinceladas fortes e marcadas.

Principais artistas: Edvard Munch e Ernst Kirchner.

Surrealismo

- Liberta-se da moral e de questões sociais para expressar o que está no subconsciente.
- Universo onírico e automatismo psíquico.

Principais artistas: Salvador Dali, Juan Miró, Marc Chagall e René Magritte.

Abstracionismo (geométrico e informal)

- Nega a figuração
- Busca a expressão pura das formas, cores e linhas.
- “Arte pura”.

Principais artistas: Vassily Kandinsky (A. Informal); Piet Mondrian e Kazimir Malevich (A. geométrico)

Dadaísmo

- Questiona os valores estéticos e morais através do sarcasmo e do *nonsense*.
- Criação dos *ready-mades*.
- Arte como provocação, proposta de atingir o público.

Principais artistas: Marcel Duchamp e Man Ray.

4ª PARTE:

O Modernismo no Brasil

Modernismo, como nós já vimos, é o nome dado aos movimentos de renovação artística que surgiram no início do século XX na Europa. No Brasil, as tendências modernistas também se manifestaram e estão diretamente ligadas à Semana de Arte Moderna, exposição realizada no Teatro Municipal de São Paulo em 1922, da qual participaram poetas, artistas plásticos, músicos, romancistas etc. Esta exposição suscitou muitas críticas polêmicas, tanto da parte dos críticos de arte, como no âmbito do público de forma geral. Vamos ver como o Modernismo aconteceu por aqui.

Modernidade e Identidade Nacional

Até o advento do modernismo, nas ex-colônias portuguesas ou espanholas nunca houve uma arte verdadeiramente independente dos modelos oficiais da metrópole. A arte brasileira do século XIX estava vinculada ao poder do Estado e não era uma arte independente. Quando um artista pintava o seu país mostrava um Brasil idealizado, oficializado. Seguiam os esquemas neoclássicos adaptando-os aos assuntos nacionais: fatos da história do Brasil, retratos de personalidades e até mesmo cenas urbanas. A arte vigente, de acordo com uma estética ultrapassada, já não satisfazia os jovens pintores que realizaram a Semana de Arte Moderna de 22.

“Um choque de modernidade!”

Duas características marcaram o Modernismo no Brasil.

- 1- Uma nova fase da nossa arte que se caracterizou em romper com o academicismo e atualizar (modernizar) o nosso meio artístico, pondo-o em

sintonia com a arte moderna que há duas décadas já vinha sendo desenvolvida na Europa.

- 2- Valorização das raízes da cultura brasileira, pondo em primeiro plano o povo brasileiro, suas crenças, seus costumes e seu folclore.

O modernismo pretendeu atualizar o Brasil e foi inicialmente influenciado pelo Futurismo, o Expressionismo, o Cubismo e o Surrealismo. Ele surgiu em São Paulo devido ao início da industrialização, ao rápido desenvolvimento urbano da cidade na virada do século, às influências culturais trazidas pela massa de imigrantes e também por lá existir um ambiente cultural menos comprometido com a arte acadêmica do que o Rio de Janeiro, capital do país na época.

Por outro lado, o clima da guerra (Primeira Grande Guerra Mundial) acirrou os ânimos nacionalistas. Intelectuais como Monteiro Lobato, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, entre outros, preocupavam-se com a produção de uma arte com características brasileiras.

Desenvolveram-se então vários movimentos, cada qual com sua proposta estética e seu manifesto. E o saldo de toda essa efervescência cultural foi o seguinte:

- Houve uma **atualização formal/estilística** da arte brasileira.
- Buscou-se retratar o povo brasileiro, sua cultura e sua natureza com o intuito de criar visualmente uma **identidade nacional**.

O que foi o Movimento Antropofágico?

Este movimento foi iniciado no final dos anos 20 e afirmava a necessidade de “devorar” tanto as manifestações artísticas estrangeiras como a cultura popular brasileira. Pretendia-se, ao “digerir” esta mistura, produzir-se uma arte moderna e genuinamente nacional. Participaram desse movimento, entre outros, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti.

(Fonte: Calabria, C.P.B. & Martins, R. V. “Arte, História & Produção”. Editora FTD/Vol. I. SP, 1997)

Os artistas modernos brasileiros

O primeiro momento modernista, durante os anos 20, é considerado como o **momento da ruptura** e introdução no cenário artístico brasileiro das novas estéticas européias.

Lasar Segall, pintor, desenhista, escultor e cenógrafo, introduziu entre nós o estilo expressionista.

Anita Malfatti (paulista), a partir das influências recebidas do surrealismo e do expressionismo foi pioneira na utilização arbitrária da cor na pintura.

Di Cavalcanti (carioca), pintor e desenhista, transformou as influências cubistas e fauvistas numa arte pessoal associada aos temas nacionais, com destaque para a representação das mulata brasileira que passou a ser o símbolo da brasilidade.

Vicente do Rego Monteiro (pernambucano), pintor, fez o seu “cubismo à brasileira”, uma arte interessada em retratar temas religiosos e mitos indígenas brasileiros.

Vítor Brecheret (italiano radicado no Brasil) renovou a escultura brasileira criando peças com volumes geometrizados e poucas linhas que representavam figuras a partir da influência cubista.

Muitas propostas, mas as novidades, no entanto, limitaram-se à arte figurativa. Nesse momento, ainda estávamos distante da experiência do abstracionismo, no âmbito da arte erudita (é bom lembrar que além da arte dita erudita, a arte indígena e de origem africana no Brasil sempre explorou formas abstratas nos seus trançados, cerâmicas, pinturas corporais, esculturas e ornatos).

Mas não pense que a arte moderna se desenvolveu por aqui sem encontrar resistências por parte da crítica e do público. As coisas novas sempre incomodam e suscitam reações e questionamentos. A pintura pioneira de Anita Malfatti, por exemplo, causou grande comoção no meio artístico nacional quando foi apresentada ao público pela primeira vez. Ela dividiu a crítica de arte da época. Tente perceber esta polêmica a partir dos dois textos sobre sua obra que estão reproduzidos abaixo.

Texto 1:

“(...) todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. (...) quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebrais, nós ‘sentimos’; para que sentamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em ‘pane’ por virtude de alguma grave lesão. Enquanto a percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá ‘sentir’ senão um gato, e é falsa a ‘interpretação’ que do bichano fizer um totó, um escaravelho ou um amontoado de cubos transparentes.”

Monteiro Lobato

Texto 2:

***“Belo da arte: arbitrário, convencional,
transitório – questão de moda. Belo da
natureza: imutável, objetivo, natural – tem a
eternidade que a natureza tiver. Arte não
consegue reproduzir natureza, nem este é seu
fim. Todos os grandes artistas, ora conscientes
(...) ora inconscientes (...)
foram deformadores da natureza.
Donde infiro que o belo artístico será tanto mais
artístico, tanto mais subjetivo quanto mais
se afastar do belo natural. Outros infiram o que
quiserem. Pouco me importa.”***

Mario de Andrade

E então, o que achou dos dois pensamentos? Qual dos dois está mais afinado com as propostas modernas? Você poderia identificar paralelos entre estes dois pensamentos do início do século passado com pensamentos atuais, a respeito da arte contemporânea?

Leitura da obra de arte

Observe a reprodução da pintura “Retirantes” de Candido Portinari (Portinari fez uma série de pinturas sobre este mesmo tema e com o mesmo título) e faça, de acordo com o nosso roteiro, uma leitura formal desta obra.



Fontes de pesquisa (Referências bibliográficas)

- **ALBERA**, François. Eisenstein e o construtivismo russo. Cosac&Naify, São Paulo, 2002.
- **ARGAN**, Giulio Carlo. Arte Moderna. Editora Schwarcz, São Paulo, 1993.
- **BRITO**, Ronaldo. Neoconcretismo. Cosac&Naify, São Paulo, 1999.
- **PROENÇA**, Graça. História da Arte. Ed. Ática; SP, 2001.
- **VASCONCELLOS, T. & NOGUEIRA**, L. Reviver nossa Arte. Vol. 2; São Paulo: ed. Scipione, 1993
- Modernismo - Projeto Arte Brasileira. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1986.
- Enciclopédia Virtual “Caras”.

ROTEIRO PARA LEITURA DE OBRA DE ARTE

Catlogação da obra

Título: _____

Autor: _____

Data de realização: _____

O que estou vendo? Descreva a imagem que você vê:

Algum outro sentido é estimulado por esta obra (olfato, audição,tato)?

É uma obra bi ou tridimensional? _____

Esta é uma obra figurativa ou abstrata? _____

No caso de ser figurativa:

O que está representado nela? Qual é o seu tema?

Esta é uma obra figurativa do tipo naturalista ou que faz uso da deformação?

No caso de ter uma abordagem deformativa, tende ao idealismo ou ao expressionismo? _____

ELEMENTOS VISUAIS

1- SUPORTE

a) Que tipo de trabalho é este (pintura, escultura, gravura, desenho, assemblage, etc.)? _____

b) Que tipo de suporte é utilizado (material)? _____

c) Qual o material usado (tinta a óleo, aquarela, etc.)? _____

2- COR

Que cores predominam na obra?

Existe nesta obra mais harmonia cromática por contraste ou por analogia?

O espaço é luminoso ou escuro? _____

3-LINHAS

Que linhas predominam nesta obra? (retas, curvas, mistas)

São linhas dinâmicas ou estáticas?

São linhas curtas ou longas? _____

Há linhas de contorno? _____

É, no caso de ser uma pintura, uma obra pictórica ou linear?

4- FORMA

No caso de ser uma obra bidimensional, ela nos dá a ilusão de ser tridimensional?

Que recursos utiliza para tal (perspectiva, luz e sombra)?

Que formas predominam? _____

As formas são simétricas ou assimétricas? _____

5-TEXTURA

O artista pode dar uma qualidade tátil a uma superfície, iludindo o espectador, dando-lhe a impressão de que está diante de um material qualquer (terra, pelos, tecidos, etc.).

Isto acontece com esta obra?

Que textura(s) ela te sugere?

6- RITMO

Você observa alguma variação (ordenada ou não, cíclica ou não) de ritmo nesta obra? _____

Alguns exemplos de variação de ritmo:

Claro /escuro

De cores (alternadas ou não)

De linhas

De formas

Dentre os elementos visuais vistos acima, qual (ou quais) você identifica como predominantes nesta obra? Que elementos o artista explora mais?

Agora escreva, em poucas palavras, a sua impressão sobre esta obra. O que essa composição (de cores, ritmo, linhas, texturas e formas) que você identificou no questionário acima, te fez pensar ou sentir? Que sentimentos, sensações ou pensamentos esta obra te desperta?

Agora você vai fazer uma *releitura* da obra observada. Uma releitura é uma nova leitura, com uma nova (a sua, no caso) visão ou interpretação. Você vai se inspirar nesta obra e vai criar uma outra obra visual, baseando-se nela. Cuidado, isto não deve ser uma cópia, mas uma visão e expressão pessoal sobre a obra vista. Bom trabalho!

